

A LÍNGUA PORTUGUESA NA CHINA
Wang Suoying¹

RESUMO:

Os chineses aprendem a Língua Portuguesa? A resposta é, sem dúvida, afirmativa. Mas, quando é que começaram a aprender? Quantas pessoas optaram por essa aprendizagem? Qual foi e é a sua motivação? Onde, com quem e como é que aprendem? Quais as dificuldades que encontram na sua aprendizagem? O que fazem depois de acabar um curso? ...

Eis as perguntas a que vamos responder no nosso texto. Vamos falar sobre o que está relacionada com a Língua Portuguesa na República Popular da China, sobretudo na China Continental.

ABSTRACT:

Do the Chinese people learn the Portuguese Language? The answer is undoubtedly yes. But, when did they start to learn it? How many people opted for this form of learning? What was and is their motivation? Where, with whom and how do they learn it? What are the difficulties that they have in their learning? What do they do after finishing their studies?...

These are the questions we will answer in our article. We will give information about matters relating to Portuguese Language in China, especially in the People's Republic of China.

¹ Foi, até 1991, docente e directora do Departamento de Português da Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai. Em 1977 iniciou, juntamente com dois colegas, o Curso de Licenciatura de Língua e Cultura Portuguesa na referida Universidade.

A LÍNGUA PORTUGUESA NA CHINA

Wang Suoying

Vivendo na China de hoje, já não é difícil detectar a presença da Língua Portuguesa na vida quotidiana dos chineses. Por exemplo, quando ligamos a televisão, podemos ver uma telenovela dobrada de português, um jogo de futebol em que camisolas com nomes portugueses voam por todo o campo, ou uma entrevista entre os dirigentes chineses e estrangeiros, com um jovem chinês a traduzir de/para português; quando chegamos a um mercado, podemos contactar uma etiqueta em que está escrita "pastéis de nata" ou enfrentar um cartaz mencionando "Porto"; quando entramos numa livraria, podemos encontrar um dicionário bilingue chinês-português, um manual sobre a gramática portuguesa, ou um romance traduzido de português; quando abrimos um jornal, podemos ler um artigo com "fado" ou outras palavras portuguesas; quando falamos com um desconhecido, podemos descobrir que não é mais nem menos um aprendiz de português, ou um pai ansioso por escolher a Língua Portuguesa para a carreira do filho; etc., etc.

Mas a Língua Portuguesa passou por um longo período para chegar a conseguir marcar hoje a sua presença na vida dos chineses, para a qual têm contribuído muitos factores e muitos agentes, ligados sobretudo ao ensino e à aprendizagem da Língua Portuguesa na China.

DUAS MEDIDAS FORTES DO GOVERNO CHINÊS PARA PREPARAR TRABALHADORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

As línguas constituem sempre um instrumento indispensável para a comunicação entre os povos diferentes. No entanto, apesar de todos os países do Mundo sentirem a mesma necessidade de se relacionar uns com outros, em todos os domínios, político, económico, social, científico, tecnológico, cultural, etc., nem todos dão o mesmo peso à questão da língua como instrumento de comunicação. Por isso, se se faz uma comparação entre as práticas históricas e actuais de diversos países, pode-se constatar que a China tem adoptado um comportamento e uma atitude diferentes de muitos outros, optando pela estratégia de ter sempre os seus próprios intérpretes e tradutores nos contactos com os estrangeiros, opção essa que está intimamente ligada à tradição e à mentalidade do povo chinês.

Para os chineses, saber falar a língua dos interlocutores estrangeiros representa a dignidade de si próprios. E a uma nação tão populosa também não lhe faltam recursos humanos para concretizar essa forma de expressão de dignidade. Tanto na história como no presente, os chineses orgulham-se sempre de ser um povo numeroso e trabalhador, com uma plêiade de talentos, mais que suficientes para adquirir quaisquer conhecimentos e satisfazer todas as suas necessidades, pelo que os chineses acreditam, com profunda convicção, que, através dos próprios esforços, conseguem fazer não só o que os outros conseguem fazer, como também o que os outros não conseguem fazer, convicção essa que se encontra enraizada na mentalidade dos chineses e que se revela claramente na sua atitude sobre a questão de intérpretes e tradutores: a China precisa de formar o seu próprio contingente para os contactos com o exterior, sobretudo nos casos oficiais, pois a dignidade e a capacidade de uma grande nação não podem ser postas em causa.

Paralelamente aos princípios de dignidade, impera também a intenção de respeito aos interlocutores por parte dos chineses. Para os chineses, o respeito aos outros consiste, por um lado, nos próprios esforços de tentar comunicar-se com os outros na sua língua, a fim de alcançar a maior compreensão mútua, e por outro, na própria consciência sobre a dificuldade e os limites de uso da língua chinesa. Dum modo geral, devido às características das próprias línguas, é mais difícil para um estrangeiro dominar e traduzir a língua chinesa do que um chinês dominar e traduzir uma língua estrangeira, sendo também mais normal que um estrangeiro prefira a aprendizagem de uma outra língua ocidental mais comum à da língua chinesa, pelo que as

autoridades chinesas têm que preparar o seu próprio pessoal, para todos e quaisquer casos necessários.

Resumindo tudo isso, para poderem atingir o seu objectivo, as autoridades chinesas têm apostado duplamente no ensino de línguas estrangeiras na China e na aprendizagem de línguas estrangeiras no estrangeiro. Essas duas apostas são na realidade duas medidas adequadas: Os jovens têm sido seleccionados e enviados para as universidades chinesas ou para os países estrangeiros, a fim de aprender as línguas que se revelem necessárias para os contactos entre a China e o Mundo, tanto as mais faladas (o inglês, o francês, etc.), como as menos faladas (o vietnamita, o albanês, etc.). Nessas circunstâncias, a Língua Portuguesa, a sexta mais falada no mundo pelos povos espalhados por todos os continentes, tornou-se, desde muito cedo e de maneira incontestável, uma das línguas-alvo das apostas do governo chinês.

PRIMEIRA MEDIDA: ENSINAR A LÍNGUA PORTUGUESA EM UNIVERSIDADES CHINESAS

Já no ano de 1960, ou seja, há mais de quarenta anos atrás, a China começou o seu primeiro curso de Licenciatura de Língua Portuguesa, com duração de 4 anos e com 18 alunos, no Instituto de Radiodifusão de Beijing. Alguns meses mais tarde, ou seja, em Dezembro do mesmo ano, foi aberto no Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing um outro curso intensivo de Língua Portuguesa, com duração de 2 anos e meio e com uns 10 alunos, todos seleccionados de entre os finalistas e tradutores de língua russa.

Sucedendo a esses dois cursos, os dois institutos superiores tiveram outras edições de Licenciatura de Língua Portuguesa, duas no Instituto da Radiodifusão de Beijing e uma no Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing, deixando, porém, de admitir novos alunos quando começou em 1966 a chamada “Grande Revolução Cultural”. Até a essa data, uns cem universitários chineses tinham estudado a Língua Portuguesa.

Em 1973, o Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing (a actual BFSU - Beijing Foreign Studies University) reabriu o seu curso de Língua Portuguesa, renovando-lhe as edições quase sempre de dois em dois anos, mas anualmente nos últimos anos, excepto este ano de 2001. Encontram-se neste momento na Universidade três turmas, num total de 71 alunos, pertencentes respectivamente ao 4º ano (24 alunos), 3º ano (23 alunos) e 2º ano (24 alunos) da Licenciatura.

Simultaneamente, em 1973, o Instituto de Línguas Estrangeiras de Shanghai, que é a actual SISU - Shanghai International Studies University, iniciou o seu mini-curso de Língua Portuguesa com a finalidade de formar os futuros docentes de Português. O mini-curso só tinha 3 estudantes, dos quais 2 eram alunos seleccionados de outras licenciaturas e 1 era docente de russo. No início de 1978, entraram na Universidade 10 alunos da Licenciatura de Língua e Cultura Portuguesa, admitidos através da selecção directa entre os candidatos ao ensino superior. A partir daí, o Curso repetiu as suas edições em cada quatro/cinco anos², sendo ultimamente em cada dois anos, pelo que neste momento o Curso tem duas turmas, uma do 4º ano e a outra do 2º ano, com respectivamente 12 e 15 alunos.³

² Houve uma edição com duração de 5 anos, sendo o 1º ano dedicado exclusivamente ao aperfeiçoamento de inglês.

³ Os alunos que estudam em Shanghai, depois de acabar os seus estudos, costumam querer ficar a trabalhar em Shanghai, que, sendo apenas uma cidade, não consegue dar trabalhos a todos os novos licenciados de português, apesar da sua grandeza e do seu desenvolvimento. Mas em Beijing a situação é diferente: Beijing é capital cujos cursos são sempre mais concorridos por finalistas do ensino secundário oriundos das províncias; em Beijing funciona o Governo Central, pelo que a cidade tem mais contactos com o Mundo Português do que Shanghai; os ministérios aceitam todos os anos um número elevado de novos licenciados de português; os licenciados

Tanto a Beijing Foreign Studies University como a Shanghai International Studies University gozam de alto prestígio nacional e internacional e fazem parte de um número reduzido de universidades-elite, directamente subordinadas ao Ministério da Educação da China. Em relação ao ensino da Língua e Cultura Portuguesa, além dos seus cursos regulares de Licenciatura, também foram organizados, em ambas as universidades, outros cursos esporádicos, de curta duração e com finalidades específicas, conforme as circunstâncias. Por exemplo, um curso de formação de intérpretes e tradutores para uma empresa siderúrgica com minerais brasileiros como matérias primas, um curso de formação de intérpretes para acompanhar equipas médicas a trabalhar nos Palops, um curso de formação de intérpretes para acompanhar os técnicos agrícolas a trabalhar nos Palops, um curso de formação para filhos dos trabalhadores de português, entre outros.

Acompanhando essas duas universidades, tem funcionado desde há mais de uma década em Guangzhou, aliás, cidade de Cantão, um curso livre de Língua Portuguesa na Universidade de Jinan, onde se concentram os alunos oriundos de Macau.

Encontrando-se respectivamente no Norte (Beijing), no Leste (Shanghai) e no Sul (Guangzhou) da China, as três universidades, tal como os três pés de uma enorme trípode, levantam, suportam e baseiam o ensino da Língua Portuguesa na China, dando contribuições extraordinárias à preparação dos trabalhadores chineses de língua portuguesa e à divulgação da língua de Camões na China.

Mas essas três universidades não foram nem são as únicas entidades dedicadas ao ensino de Língua Portuguesa.

O Instituto de Radiodifusão de Beijing, acima referido, reabriu a sua Licenciatura no ano passado, depois de uma longa ausência desde 1966.

A Universidade de Shantou, situada na Província de Guangdong (Cantão), zona vizinha de Macau, proporcionou, durante vários anos, aulas de português aos seus alunos do Curso de Direito, oriundos de Macau.

A Universidade de Nanjing teve, durante algum tempo, um curso livre de Língua Portuguesa, aberta aos alunos da Universidade e aos cidadãos locais.

Segundo dados incompletos, calcula-se que, de 1960 à data presente, mais de quatrocentos licenciados em Língua e Cultura Portuguesa saíram das universidades chinesas, além de cerca de uma centena de licenciandos, em diversas fases de sua licenciatura, sem falar ainda de um número inestimável de chineses que tiveram acesso à aprendizagem da língua portuguesa nas universidades chinesas.

Existe uma questão que não pode escapar à nossa atenção: Quem é que ensinou e ensina a língua portuguesa nas universidades chinesas?

Nos primeiros anos, eram sobretudo os brasileiros que deram aulas, tanto em Beijing, como em Shanghai..

Mais tarde, chegaram os leitores portugueses, através de vias não governamentais. Mas hoje em dia, com a celebração dos protocolos entre a China, Portugal e Macau, os leitores nas

também não se importam de trabalhar para outras cidades; o próprio Curso de Beijing tem mais anos e mais docentes do que o Curso de Shanghai. Por todos esses motivos, a Licenciatura de Beijing admite sempre mais alunos do que a de Shanghai.

universidades chinesas são todos portugueses, enviados pelo Instituto Camões e Instituto Português do Oriente.

No início, eram principalmente os leitores a dar aulas, auxiliados pelos seus colegas chineses. Mas com o passar do tempo, os docentes chineses melhoraram a sua capacidade passando a dividir as tarefas com os leitores portugueses. Normalmente, os chineses responsabilizam-se pelas cadeiras de gramática, leitura e compreensão, tradução, etc., enquanto os portugueses, pelas aulas de conversação, cultura portuguesa, etc., além de dar apoio aos seus colegas chineses. No caso da ausência dos leitores, cabe aos chineses assumir todas as tarefas, sem nunca poder parar ou prejudicar o funcionamento do Curso.

SEGUNDA MEDIDA: MANDAR APRENDER PORTUGUÊS EM MACAU E NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Enquanto as condições de abrir cursos de formação no Território se encontram imaturas, ou enquanto os cursos na China não conseguem fornecer o pessoal suficiente para as suas necessidades, ou ainda para aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos nas universidades nacionais, a China manda os jovens tirar cursos no estrangeiro, o que acontece também com a Língua Portuguesa.

Em 1959, mesmo antes da abertura dos cursos de Língua Portuguesa em Beijing, 7 jovens foram enviados para Macau.

Durante a “Revolução Cultural”, apesar da paralisação do ensino superior na China, mais um grupo de jovens foi enviado para Macau.

Em 1975, outros 5 jovens foram mandados para Macau.

Nos anos 70, vários grupos foram mandados para Moçambique.

Nos anos 80, algumas pessoas foram mandadas para o Brasil, seguidas de um grupo de 10 jovens, nos finais da mesma década.

A partir dos anos 80, têm vindo a Portugal estudiosos, docentes e estudantes chineses, como bolseiros da Fundação Gulbenkian, do ICALP/Instituto Camões e da Fundação Oriente, segundo a ordem cronológica.

Neste aspecto, merecem a menção especial os esforços do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, no sentido de formar diplomatas com conhecimentos da Língua e Cultura Portuguesa.

Em 1986 e em 1988, o MNE chinês mandou respectivamente um grupo de 12 jovens para a Universidade de Coimbra, que passaram 3 anos na terra de Camões, a contactar com a língua, a cultura, e a realidade portuguesa, assim como o povo português.

Em 1998 e em 1999, o MNE chinês mandou 2 grupos, respectivamente de 16 e 18 pessoas, para a Universidade de Macau, onde passaram 2 anos a frequentar um curso intensivo de Língua e Cultura Portuguesa.

Convém salientar que Macau, ponto de convergência das duas línguas e duas culturas, continua a desempenhar, após a passagem da sua administração para a China no fim do século passado, os seus papéis positivos na formação de estudiosos chineses de língua portuguesa. Graças aos acordos celebrados entre a Universidade de Macau e a Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing (BFSU) e entre o Instituto Politécnico de Macau e a Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai (SISU), os alunos das duas universidades da China Continental podem fazer uma parte da sua Licenciatura de Estudos Portugueses no Território de Macau.

Convém salientar também que, normalmente, os jovens seleccionados pelas autoridades chinesas para tirar um curso de Língua Portuguesa no estrangeiro têm já um curso, acabado ou meio acabado, de estudos estrangeiros. Poucos são de estudos portugueses, muitos têm a formação em cursos de espanhol ou inglês. Em espanhol, porque acham que o espanhol e o português são parecidos, pelo que os alunos conseguem aprender mais depressa o português através de espanhol.⁴ Em inglês, porque na China há tantos licenciados em inglês, mais uns ou menos uns não fazem falta ao país.

Em suma, segundo dados incompletos, mais de uma centena de jovens chineses foram enviados pelas autoridades chinesas ao estrangeiro para tirar cursos de língua portuguesa.

MOTIVAÇÃO E OCUPAÇÃO DOS QUE APRENDEM A LÍNGUA PORTUGUESA

Por que razão as pessoas optam pela aprendizagem da língua portuguesa? A resposta a esta pergunta não é nada simples, pois não se pode separar, na China, a opção de um candidato ao ensino superior da atmosfera política e social da época em que se encontra.

Desde a fundação da Nova China em 1949 até 1966, ano em que começou a “Revolução Cultural” paralisando o ensino superior em todo o país, funcionava, para o acesso ao ensino superior, o sistema misto de candidatos voluntários e decisão superior, o que significa que, os candidatos podiam fazer as suas opções, mas deviam obedecer à decisão da Universidade, caso esta lhe mandasse, mesmo sem o consultar primeiro, para um curso que não era da sua opção, em nome da “necessidade de Estado”. Em outros casos, os candidatos concorriam somente às universidades ou faculdades e não aos cursos concretos; uma vez aceites por uma certa universidade/faculdade, esta mandava-os para os diversos cursos, segundo requisitos diferentes.

Nessa altura, a China precisava urgentemente das pessoas que conhecessem a Língua Portuguesa, por isso, como já foi referido atrás, um grupo foi mandado para uma aprendizagem em Macau e dois cursos foram abertos em Beijing. Mas para a maioria dos estudantes, não foram eles que escolherem a língua portuguesa, mas sim foram escolhidos para a língua portuguesa, obedecendo à decisão superior.

De 1971 (ano em que recomeçou o ensino superior) a 1978, os “candidatos” não tinham o luxo de escolher nem a universidade, muito menos os cursos, pois funcionava o sistema de “candidatos recomendados”, isto é, para um jovem que trabalhava numa certa entidade (fábrica ou campo) após ter acabado o seu curso secundários, o seu acesso ao ensino superior era simplesmente recomendado pelos seus colegas-trabalhadores e decidido pelos seus chefes (de Partido). Conforme os diversos requisitos e as vagas distribuídas a cada entidade, os “candidatos” foram seleccionados e mandados para as respectivas universidades e cursos, o que aconteceu, também, a todos que frequentaram naquele período o curso de Português.

⁴ Um exemplo pode explicar melhor essa ideia: Nos anos 70, devido à necessidade de preparar publicações chinesas em português, um grupo de licenciados em espanhol foi mandado para trabalhar na Editora de Línguas Estrangeiras de Beijing, a aprender o português na prática de tradução para edições em português, com leitores portugueses. Foi quase uma moda na época mandar os licenciados de espanhol aprender a língua portuguesa ou trabalhar com ela, pois havia uma grande falta de trabalhadores de língua portuguesa. Até hoje em dia, quando não se encontra um intérprete ou tradutor de português, é mandado um de espanhol para substituí-lo.

⁵ Na altura, todos os finalistas do ensino secundário foram mandados para fábricas ou campo, sobretudo ao campo.

Nessas épocas, os poucos licenciados ou formados em Português foram ou seriam colocados nos postos importantes relacionados com os negócios estrangeiros, dificilmente substituídos pelos outros, tal como um provérbio chinês descreve, “cada nabo preenche o seu buraco”, isto é, “cada pessoa ocupa o seu posto, sem ninguém a sobrar”. Por isso os requisitos de admissão para as licenciaturas de Português eram muito mais rigorosos do que os para as licenciaturas de inglês, chinês, etc. Os familiares dos alunos, assim como os seus parentes até certos graus, não podiam ter “manchas”, os próprios alunos tinham de ser politicamente confiáveis, intelectualmente exploráveis e fisicamente saudáveis. Os alunos seleccionados não podiam nem deviam dizer “não” à decisão do Partido. ⁶

Em 1978, voltou a funcionar o sistema de candidaturas voluntárias, mas os candidatos costumavam assinar na ficha de opções uma declaração sobre a obediência à decisão da Universidade a que concorriam. Na China, devido à concorrência “renhida” ao ensino superior, ser admitido por uma universidade, sobretudo por uma universidade-elite, era muito mais importante do que o próprio curso a seguirem, para os candidatos e as suas famílias, pelo que muitos deles tinham maior preferência por certa universidade do que por um certo curso. Nesse mesmo ano, fui nomeada pela Universidade para a selecção dos alunos da Licenciatura de Língua e Cultura Portuguesa, juntamente com professores e responsáveis dos outros cursos que iam seleccionar os alunos deles. Normalmente, a selecção foi feita segundo a ordem das opções que os candidatos fizeram, mas quando as fichas dos candidatos chegaram às nossas mãos, o responsável geral da selecção mandou entregar primeiro a mim todas as fichas que continham a opção da Licenciatura de Português. Assim, vários alunos com excelentes notas não entraram na Licenciatura de Inglês que era a sua primeira opção, mas sim na Licenciatura de Português que era a sua segunda ou terceira opção. Na altura, o nome de Portugal e a utilidade da Língua Portuguesa não eram muito conhecidos pela sociedade chinesa, em comparação com os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e as suas línguas, pelo que era natural haver muito mais candidatos aos cursos de inglês, francês, etc. Alguns candidatos optaram pelo nosso curso, porque tinham curiosidade ou queriam ter um curso diferente dos comuns, mas de qualquer maneira, os candidatos qualificados não eram suficientes para preencher as nossas vagas. Ao tomar conhecimento disso, o responsável geral mandou-me escolher dois entre os melhores candidatos ao Curso de Inglês. Tudo isso foi possível e legal, em nome da protecção dos cursos não comuns (para a Universidade) e da obediência à decisão da Universidade (para os candidatos) .

Dum modo geral, nessa altura e nos anos seguintes, o motivo da opção pelo Curso de Português foi porque era um curso pouco comum, referente a uma língua pouco falada e a um país distante e próximo (a administrar Macau), que suscitava sempre a maior curiosidade e interesse.

Com a política de abertura da China ao exterior, com o impacto que os filmes e telenovelas brasileiros (“A Estrada da Vida”, “A Escrava Isaura”, “A Felicidade”, entre outros) tiveram junto do público chinês, sobretudo com o decorrer do processo da passagem da administração de Macau à China, os chineses passaram a conhecer cada vez mais e cada vez melhor Portugal⁷, Brasil e a

⁶ Eu própria passei por estas experiências. Em 1973, andava no Curso de Espanhol do Instituto de Línguas Estrangeiras de Shanghai (a actual SISU) e era a melhor classificada nos exames do 1º ano do Curso. Um dia, um chefe de Partido chamou-me a mim e a um outro colega (também um dos melhores alunos do Curso de Espanhol), avisando-nos para passar a aprender o Português, a fim de nos tornar os futuros docentes de Português da Universidade. O meu colega limitou-se a responder “sim”, enquanto eu, para variar um pouco a resposta, ao mesmo tempo de dizer “em princípio sim”, pedi-lhe a autorização para falar primeiro com os meus pais. Nessa altura, vi uma expressão de aborrecimento no rosto do chefe. Naturalmente, os meus pais também não tinham nada contra e hoje não me arrependo nada da minha obediência à escolha do Partido, pois adoro a língua portuguesa.

⁷ Em 1985, na zona rural da Província de Jiangsu, um jovem foi admitido na Curso de Português de Shanghai. Ao ver a palavra “Portugal” no aviso de admissão, os vizinhos do rapaz comentaram:

sua língua, o que motivou muitos jovens a concorrer a um Curso de Português, para aprofundar os conhecimentos sobre os países da língua portuguesa e ao mesmo tempo, ganhar mais chances para arranjar um emprego interessante depois de acabar o curso.

Não se deve falar sobre a motivação para um curso sem falar sobre o emprego que este curso pode trazer, pois a chance do emprego constitui muitas vezes a motivação. Um provérbio chinês diz: “As coisas tornam-se caras por ser raras.” Como os que falam português são poucos em comparação com os que falam inglês ou outras línguas mais comuns, além de enfrentar um mercado tão grande como a comunidade dos países de língua portuguesa, a procura tem sido maior que a oferta.

Hoje em dia, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da China possui o maior número de licenciados em Português. Segundo a tradição e a prática, excepto os embaixadores, os diplomatas chineses, nomeadamente os secretários e os conselheiros da Embaixada, têm que saber falar a língua do país onde trabalham, a começar a carreira fazendo traduções ou investigações, de modo que o MNE opta por escolher, entre os licenciados de português, os futuros diplomatas para assuntos dos países de Língua Portuguesa e Macau. O processo de selecção é igual para quase todas as línguas, mas como os licenciados em Português são poucos em comparação com os de outras línguas, eles têm mais chances para ser futuros diplomatas, um sonho de muitos jovens. Claro, um diplomata com formação básica de português quase nunca é enviado para um país que não fala português, mas a comunidade dos países de língua portuguesa é bastante grande e espalhada por quatro continentes, o que atrai os jovens ansiosos por conhecer o mundo inteiro.

Outros ministérios, como por exemplo, do Comércio e Economia, da Cultura, da Ciência e Tecnologia, entre outros, assim como os departamentos e gabinetes de relações internacionais, subordinados aos diversos níveis de Governo central, provincial e municipal, do Partido Comunista da China e das forças armadas, também absorvem, em conjunto, um número bastante elevado de licenciados em Português. Estes dedicam-se sobretudo aos intercâmbios internacionais, trabalhando na secção comercial, cultural, científico e militar das embaixadas chinesas, ou servem de contactos, a todos os níveis, entre a China e os países portugueses, para projectos de colaboração e troca de visitas.

Do Ministério da Educação, as duas universidades atrás referidas contam com 10 docentes chineses, 6 em Beijing e 4 em Shanghai, todos licenciados ou mestres em Língua Portuguesa, a assegurar duas licenciaturas de Língua Portuguesa.

Muitas companhias estatais, pertencentes a diversos ministérios, como da Floresta, do Mineral, da Pesca, etc., aceitam licenciados em Português, por causa dos negócios com os países de língua portuguesa.

O Ministério da Agricultura e o Ministério da Saúde costumam mandar equipas de técnicos agrícolas ou de médicos aos Palops, para ajudar os povos locais. Eles também precisam de intérpretes de português.

A Rádio de Beijing tem uma secção de língua portuguesa, onde trabalha um grupo de licenciados de português a assegurar uma transmissão diária em português.

Na Editora de Línguas Estrangeiras de Beijing trabalha outro grupo de tradutores de português, a publicar livros sobre a China, em português.

“Este país deve produzir muita uva!”, pois dos caracteres chineses que representam “Portugal” os primeiros dois significam “uva”. Mas neste último mês, fiz uma viagem à China com um grupo de amigos portugueses. Em todos os lugares por onde passámos, as pessoas disseram sempre: “Portugal, Figo!”

Na Academia das Ciências Sociais também trabalham licenciados em português, a fazerem investigações nas áreas de ciências sociais sobre os países de língua portuguesa.

A Agência Noticiosa Nova China e os grandes jornais chineses aceitam licenciados em português para os tornar repórteres e correspondentes, enviados para o mundo português.

Nas diversas cidades chinesas, os guias que acompanham turistas brasileiros e portugueses fizeram a sua licenciatura em português.

Nas embaixadas e consulados dos países de língua portuguesa acreditados na China, assim como nas empresas de investimento estrangeiros na China também trabalham os nossos licenciados.

Em Macau trabalham hoje alguns dos nossos licenciados.

É impossível citar aqui todos os postos preenchidos pelos licenciados em português!

Até há uns poucos anos, o emprego dos licenciados chineses foi garantido pelo Estado, ou seja, o Estado distribuiu os licenciados entre os ministérios ou empresas estatais e os licenciados tinham que obedecer à decisão do Estado, sendo muito difícil mudar de emprego. Mas agora a situação está diferente. Com a reforma, o Estado já não interfere no emprego dos licenciados, que passam a arranjar o seu próprio emprego, através de várias vias legais, o que implica maior concorrência entre os finalistas, dando-lhes ao mesmo tempo maior liberdade, até encontrar um emprego de que goste. Com a política de abertura ao exterior e com o rápido desenvolvimento económico chinês, os licenciados chineses, em geral, já não pensam que um emprego num ministério ou numa empresa estatal é o melhor. Muitos deles, incluídos os de português, começam a optar por empresas não estatais, até por emigrar para o estrangeiro.

Claro, existe também uma pequena parte de licenciados de português, que, depois de acabar o curso, não conseguiu trabalhar com a língua portuguesa, por vários motivos.

Na mente dos chineses, os empregos relacionados com os estrangeiros eram considerados bons. Devido às grandes chances de empregos ligados com Brasil, Macau, África, etc., até hoje em dia, os licenciados em Língua Portuguesa e os que passaram por um curso de formação de curta duração em Língua Portuguesa, até alguns licenciados em Espanhol, conseguiram arranjar, na sua grande maioria, trabalhos com Português, com rendimentos muito bons ou razoáveis. Além do primeiro emprego, muitos trabalham, nas horas livres, na tradução para empresas, televisões, editoras, etc., ou por interesse cultural⁸, ou por interesse financeiro. Há alguns anos atrás, quando a Volkswagen fundou a sua filial em Shanghai com desenhos técnicos vindos da sua filial no Brasil, os docentes de espanhol da SISU andavam atarefados na sua tradução, porque os docentes de português já se encontravam cheios de outras tarefas mais interessantes. Até há tradutores de espanhol ou outros “autodidactas” sem formação portuguesa a traduzir para o chinês os documentos, artigos e livros em português! Ou vice-versa!⁹

⁸ Existe hoje em dia na China um contingente de tradutores qualificados de língua portuguesa, que por amor a esta língua, traduziram nas horas livres muitas obras famosas de Portugal.

⁹ Por este motivo ou outros motivos, hoje em dia, a qualidade de algumas traduções são duvidosas. Há alguns anos, um realizador chinês de Macau, que era o realizador do filme *Tranças Feiticeiras*, pediu a uma entidade estatal de Beijing para pôr legenda em português no filme. Não se sabe a quem foi entregue o trabalho, o que se sabe é que a tradução está péssima, até se escreve “amanhã” sempre em “amanhão”. Duvida-se que não era um licenciado em português a fazer o trabalho!

Ao constatar esta realidade, os próprios finalistas do ensino secundário e as suas famílias passaram a valorizar e apreciar cada vez mais os cursos de Português.

Além disso, graças aos protocolos celebrados entre Beijing, Shanghai e Macau, os licenciandos chineses das duas universidades atrás referidas podem fazer parte da sua licenciatura em Macau, como bolseiros, o que é quase inédito nos outros cursos. Tudo isso torna o Curso de Português ainda mais atraente.

Como resultado, os candidatos ao Curso de Português têm aumentado contínua e consideravelmente. Vamos citar apenas um exemplo: no ano passado, em Beijing, mais de 200 finalistas do ensino secundário, de excelentes notas, concorreram as 24 vagas do Curso de Português!

Nesta nova geração, a motivação pode variar de pessoa em pessoa, não se distanciando, porém, muito das gerações anteriores. Vamos ver um inquérito que a Mestre Xu Yixing (Catarina)¹⁰ fez aos seus alunos da Licenciatura de Estudos Portugueses:

Dos 27 alunos actuais, 12 (6 no 4º ano e 6 no 2º ano) não escolheram o Curso, pela mesma razão: foram escolhidos pelas respectivas escolas secundárias para entrar directamente no Curso, porque, tendo conseguido óptimas notas durante todos os anos do ensino secundário, foram-lhes dispensado o exame nacional para o acesso ao ensino superior.¹¹

Dos restantes 15 alunos que escolheram o Curso:

1. Por gostar da Língua Portuguesa: 3 alunos
2. Pela decisão dos pais: 2 alunos
3. Por considerar o Português uma língua pouco dominada pelos chineses, que podia proporcionar mais oportunidades profissionais: 6 alunos
4. Por considerar Portugal um país desenvolvido: 4 alunos

Quanto aos 4 professores chineses do Departamento de Português:

1. Uma foi escolhida para o Curso por ter óptimas notas;
2. Uma, depois de acabar a Licenciatura em Espanhol na mesma Faculdade, foi mandada para o Departamento de Português a judar nos trabalhos do Departamento tirando ao mesmo tempo um Curso Especial de Língua Portuguesa;
3. Dois escolheram o Curso porque achavam que ia dar mais saídas profissionais.

Calcula-se que até hoje em dia cerca de mil chineses passaram por um curso de português ou tiveram algum conhecimento de português, dos quais, a maioria vive agora totalmente do trabalho com a língua portuguesa ou tem algum rendimento esporádico por causa dela. Este número é pequeno, comparado com a população chinesa e a população da língua portuguesa, pelo que este número ainda vai aumentar nos próximos anos, porque a terra da língua portuguesa na China é como se fosse uma terra virgem ou semi-virgem, que durante alguns anos, continuará a fornecer

¹⁰ Actual directora do Departamento de Português da Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai.

¹¹ Tem sido uma prática na China escolher nas escolas secundárias-elite (“zhongdian zhongxue”, na língua chinesa) os melhores finalistas para entrar directamente numa universidade-elite, sem precisarem de passar pelo exame nacional de acesso ao ensino superior, de acordo com as vagas decididas pelas autoridades de ensino superior e de ensino secundário. Para esses finalistas escolhidos e a sua família, a honra é tão grande (a percentagem desses casos é mínima, não chegando às vezes nem 1%) que normalmente aceitam logo o Curso que lhes são distribuídas. Mas também podem não aceitar a selecção concorrendo ao Curso que prefere através do exame nacional.

chances de exploração. Não vamos sonhar que os futuros licenciados consigam todos trabalhos nos Ministérios, mas o mercado, livre, fornecer-lhes-á novas oportunidades e novos desafios.

Um amigo português perguntou-me: “Na China, os estudantes de português são os indivíduos que não tinham a qualificação para entrar num curso de inglês?” A pergunta surpreendeu-me. Penso que o que apresentei neste texto já respondeu a esta pergunta. Mas mesmo assim, gostava de acrescentar um outro ponto: na China, todos os anos depois do exame nacional de acesso ao ensino superior, as universidades declaram a sua nota mínima de admissão; desde que a nota de exame de um candidato seja superior à mínima, ele pode ser aceite tanto por um curso de inglês como por um curso de português; por razões que todos sabem, sempre há mais candidatos ao curso de inglês, mas por outro lado, também há muitos mais cursos de inglês; convém não esquecer que o curso de Licenciatura de Língua e Cultura Portuguesa funciona nas duas das melhores universidades chinesas, que têm sido conhecidas como “universidades-elite” (“quanguo zhongdian daxue”, na língua chinesa), cuja nota mínima de admissão tem sido muito superior à das outras universidades normais.

DIFICULDADES DOS CHINESES NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Dificuldades na fonética

Em termos muito rápidos, vamos explicar as principais dificuldades dos chineses na aprendizagem da fonética portuguesa.

Sendo uma língua romântica pertencente à família indo-europeia, o português apresenta, no plano fonético, vários fonemas que não possui o chinês, incluído na família sino-tibetana, motivo pelo qual, quando um chinês aprende a fonética portuguesa, encontra dificuldades em assimilar tais fonemas. No entanto, dado que a língua chinesa tem muitos dialectos e subdialectos e um chinês, qualquer que seja, é sempre influenciado pelo seu dialecto que pode ter muitos ou poucos fonemas semelhantes aos do português, acontece frequentemente que este chinês é capaz de pronunciar estes fonemas portugueses e outro chinês, outros fonemas. Pormenorizando o problema, vamos citar alguns exemplos, entre muitos outros.

Na língua chinesa não existe o /r/ vibrante, portanto, a pronúncia dele constitui o maior obstáculo para muitos chineses que aprendem português, espanhol, russo e outros idiomas. As crianças conseguem vibrar com mais facilidade a ponta da língua, mas os adultos demoram a dominar este movimento.

Na língua chinesa, o dialecto do Norte é falado por mais ou menos dois terços da população. Ao dialecto do Norte pertence o dialecto de Beijing, cuja fonética serve de base à do mandarim. Uma das características do dialecto do Norte é ter poucas consoantes sonoras, por exemplo, não tem a /b/, /d/ e /v/, pelo que quando os do Norte aprendem a fonética portuguesa, muitos deles não fazem diferença, no início, entre “dia” e “tia”, “bomba” e “pomba”, “voz” e “foz”.

Ao contrário dos do Norte, alguns meridionais são incapazes de pronunciar algumas consoantes surdas. Por exemplo, no dialecto de Chaozhou não existe o som semelhante à sílaba /ti/; tanto no dialecto Minnan (ao qual pertence o dialecto de Chaozhou) como no dialecto Minbei não existe a consoante surda /f/. Por isso, muitos chineses nativos desses dialectos não conseguem pronunciar correctamente essas consoantes surdas.

Para alguns chineses, tais como os que moram nas províncias de Jiangsi e Hunan, os que vivem entre os rios Huaihe e Yangtsé (nas províncias de Anhui e Jiangsu) e os que residem em Nanjing, Wuhan e outros lugares ao longo do Yangtsé, precisa-se de um grande esforço para perceber e imitar a diferença entre “lata” e “nata”, pois nos seus dialectos, ou não existe /n/, ou não existe /l/, ou /n/ e /l/ soam ao mesmo. Por exemplo, os termos chineses “nan” (sul) e “lan” (azul) têm a mesma pronúncia em Changsha, capital da província de Hunan.

Em muitos dialectos da língua chinesa, nomeadamente nos do Sul, não existem sibilantes prepalatais, ou seja, chiantes. Por isso, não poucos chineses perdem muitíssimo tempo em dominar as palavras “xis” e “gis”, “chá” e “já”, etc.

Para alguns chineses, também são sílabas difíceis de pronunciar: nha, nho, lha, lhe, etc.

A língua chinesa caracteriza-se por ser representada graficamente por caracteres e os caracteres são foneticamente monossilábicos tendo cada um o seu tom fixo. Com essa influência, um chinês principiante no estudo da fonética portuguesa pode não conseguir acentuar correctamente as palavras portuguesas, por não saber em que sílaba deve recair o acento, dando às sílabas uma inflexão fonética arbitrária, ou, em vez de fazer coerência das sílabas numa palavra, pronuncia-as separadamente, o que acontece frequentemente com as palavras polissilábicas, daí, a leitura do texto ou o discurso também serem incoerentes.¹²

Não são poucas as dificuldades relativas à fonética, são, porém, de menor peso, em comparação com as dificuldades na parte de gramática.

Dificuldades na gramática

Qualquer professor nativo de português, quando começa a dar aulas para os estudantes de origem chinesa, nota logo que, em comparação com os estudantes de países ocidentais, os chineses cometem mais erros gramaticais, por exemplo, confundir a conjugação dos verbos, trocar o género das palavras, e outros mais. Pergunta-se então, porque é que tem acontecido isso? A resposta é muito simples: porque a gramática chinesa e a gramática portuguesa são totalmente diferentes.

Em Portugal, quando um discurso é incompreensível, costuma-se dizer que “isto para mim é chinês”, daí se vê como é difícil o chinês, aos olhos dos portugueses. Mas na realidade, se são difíceis a pronúncia e a escrita do chinês, não é nada difícil a sua gramática, a qual é mais fácil, pelo menos, que a gramática portuguesa. Os chineses é que deviam dizer que “isto para mim é a gramática portuguesa”, para mostrar como ela é difícil, aos olhos dos chineses!

Vamos comparar, em termos rápidos e com exemplos simples, alguns aspectos principais das duas gramáticas, para esclarecer melhor o motivo das dificuldades que os chineses costumam encontrar na sua aprendizagem da língua de Camões.

I. Conjugação

Os verbos chineses não têm conjugação mantendo-se invariáveis em todos os casos. Citamos como exemplo o verbo chinês "shi" equivalente ao verbo "ser" do português.

Em português dizem "eu sou", "tu és", "ele é"..., sendo o verbo "ser" quase sempre numa forma conjugada segundo a pessoa gramatical, mas em chinês, basta juntar o verbo "shi" ao termo que representa o sujeito: "wo (eu) shi", "ni (tu) shi", "ta (ele) shi", etc.

Em português dizem "antigamente eu era", "no futuro serei", "se eu fosse"... conjugando o verbo de acordo com os tempos e os modos. Mas em chinês, usa-se sempre o carácter "shi", em todos e quaisquer casos, sem nenhuma alteração. Basta juntar ao verbo "shi" os advérbios ou outras palavras que se referem ao tempo, à condição, etc.: "yiqian (antigamente) wo shi", "jianglai (no futuro) wo shi", "ruguo (se) wo shi"...

¹² Os parágrafos anteriores sobre as dificuldades na parte de fonética representam transcrições actualizadas que fiz do meu livro O Português para um Chinês - Abordagem Simultânea sobre os Métodos de Ensinar Português aos Chineses (Lisboa, 1991).

Já que os verbos chineses são sempre invariáveis, é imaginável quão atrapalhado fica um estudante chinês perante a fabulosa conjugação do verbo português. Eis o maior obstáculo à frente dum chinês que começa a aprender o português, e continua a ser obstáculo para um chinês que já aprende português durante muitos anos.

II. Flexão numérica e flexão genérica

Em chinês, os vocábulos baseiam-se nos caracteres ou termos monossilábicos. Esta afirmação implica dois aspectos: por um lado, o caracter é monossilábico e significa geralmente um termo e por outro, os vocábulos de dois, três ou mais caracteres são formados geralmente através da junção dos caracteres ou termos monossilábicos.

Por exemplo:

mao - termo que designa a espécie de gatos e gatas

gong (macho) + mao = gato

mu (fêmea) + mao = gata

Outro exemplo:

ren - termo que designa seres humanos

gong (trabalho) + ren = operário(s) ou operária(s)

nan (homem) + gongren = operário(s)

nü (mulher) + gongren = operária(s)

Putaoya (Portugal) + ren = português, portuguesa, portugueses ou portuguesas

Peideluo shi putaoya ren. (O Pedro é português.)

Maliya shi putaoya ren. (A Maria é portuguesa.)

Destes exemplos, podemos notar 5 diferenças principais entre as duas línguas:

1. Em português os substantivos pertencem a certo género, "gato", "operário", "português" são substantivos masculinos, "gata", "operária" e "portuguesa" são substantivos femininos. Este fenómeno é inexistente em chinês, pois em chinês, "mao" pode designar tanto "gato" como "gata"; "gongren", tanto o "operário" como a "operária"; "putaoya ren", tanto o homem português como a mulher portuguesa.

2. Em português, os substantivos que designam animais e pessoas têm flexão genérica, representada pela mudança final dos termos, segundo regras bastante complicadas. Mas em chinês, há quase sempre um termo geral que designa os animais ou pessoas de ambos os sexos, no caso de "mao", "gongren", etc. A designação geral junta-se um caracter quase fixo para diferenciar o macho da fêmea, o homem da mulher, tais como "gong (macho)", "mu (fêmea)", "nan (homem)" e "nü (mulher)". Este método é muito mais simples do que a flexão genérica portuguesa. Além disso, em muitos casos, quando o sujeito em si já revela o seu sexo, à designação geral nem é preciso lhe acrescentar o caracter que indica o sexo:

Peideluo shi gongren. (O Pedro é operário.)

Maliya shi gongren. (A Maria é operária.)

3. Existem dois números em português, o singular e o plural, daí, os substantivos portugueses terem flexão numérica, representada pela mudança final dos termos, segundo regras bastante complicadas; mas em chinês, só em alguns casos, alguns pronomes e alguns substantivos que se referem a seres humanos podem receber um sufixo que indica o plural. Em muito mais casos, o sufixo é omissivo, sobretudo quando o sujeito em si já mostra a ideia de plural:

Maliya shi putaoya ren. (A Maria é portuguesa.)

Peideluo he Maliya shi putaoya ren. (O Pedro e a Maria são portugueses.)

4. Na língua portuguesa, o adjectivo concorda com o substantivo em número e género, portanto, o adjectivo português também tem flexão numérica e genérica, conforme as regras semelhantes às do substantivo. Mas o adjectivo chinês é invariável, logicamente, não há tal concordância; é só juntar o adjectivo ao substantivo.

5. Alargando a esfera para os pronomes, artigos e alguns numerais portugueses, percebe-se que eles também têm flexão numérica e genérica devendo concordar sempre com o substantivo que modificam, o que é inexistente em chinês.

Verificando essas 5 diferenças, é fácil compreender que, para um chinês que aprende português, constitui um quebra-cabeças a flexão numérica e genérica dos termos portugueses assim como a concordância entre eles. No começo da sua aprendizagem, os chineses não têm geralmente a menor ideia a este aspecto, sobretudo quanto ao género do substantivo. No conceito de muitos chineses, somente o animal e a pessoa é que têm sexo que pode ser masculino ou feminino, por isso não percebem como é que um livro ou uma revista que é um objecto sem vida nem sexo também pode ser masculino ou feminino. Neste caso, eles confundiram o sexo dos seres animados com o género gramatical dos termos portugueses. Com o estudo, os chineses começam a ter noções claras a este aspecto, mas continuam a cometer erros sem querer ou sem perceber, mesmo conhecendo claramente as regras de flexão e concordância, pois são muito fortes as influências da sua língua materna.

III. Casos dos pronomes pessoais

Em chinês, os pronomes pessoais "wo(eu)", "ni(tu)" e outros podem desempenhar qualquer função sintáctica e podem ser colocados invariavelmente em qualquer lugar da oração, enquanto em português, "eu", "tu" e outros sofrem flexão conforme os casos.

Exemplos:

Eu tenho um livro.

Ele deu-me um livro.

O livro está comigo.

O livro está entre ti e mim.

Wo you yiben shu.

Ta gei wo yiben shu.

Shu zai wo zher.

Shu zai ni wo zhijian.

Em suma, tanto os caracteres como os vocábulos chineses são invariáveis, motivo pelo qual não é nada fácil para os chineses o domínio das palavras flexíveis portuguesas: substantivo, artigo, adjectivo, numeral, pronome e verbo.

IV. Regência

Em chinês, os verbos também não têm regências, outro ponto diferente do português e mais fácil do que ele. Em português, uma grande quantidade de verbos é ligada com a outra palavra através da preposição, mas em chinês, esses verbos ligam-se directamente com a outra, seja substantivo, pronome ou verbo.

Exemplos:

perguntar ao amigo

gostar de cantar

acreditar em você

wen (perguntar) pengyou (amigo)

xihuan (gostar) changge (cantar)

xiangxin (acreditar) ni (você)

Mais detalhadamente, um verbo português pode aparecer a reger preposições diferentes de acordo com o seu sentido, nos casos diferentes, tais como "ir a" (que indica pouca demora) e "ir para" (que significa com demora). Mas em chinês não se nota essa diferença. Se se quer precisar a ideia, pode-se acrescentar à frase outros termos para indicar "pouca demora" ou "muita demora".

Ampliando a esfera, pode-se ver que numerosos são os exemplos de preposições diferentes que servem de regência a substantivos, adjectivos e participios, como por exemplo, "amor a", "amor de", "amoroso para", "amado por", etc. Além das preposições que se apõem ao vocábulo, existem as que precedem ao vocábulo, formando expressões de sentidos diferentes, por exemplo, "por meio de", "no meio de", etc. Mas em chinês, o uso da preposição é limitada e simples. Os diversos empregos da preposição portuguesa são substituídos muitas vezes em chinês pelas palavras diferentes.

Portanto, um chinês habituado à estrutura simples da sua língua materna, sente naturalmente um sério embaraço no uso correcto da preposição portuguesa. Muitos insistem em perguntar: Porque é que se pode dizer "amar alguém", mas não "gostar alguém"? Porque é que na frase "tornar-se perito", o verbo pronominal não precisa de preposição, mas nas frases de ideia idêntica "transformar-se em perito" ou "converter-se em perito", os verbos requerem "em"? E muitos chineses cometem dois erros graves: ou esquecer-se de usar a preposição ligando directamente os termos, dizendo "gosto tu" em vez de "gosto de ti", ou confundir as regências diferentes e os usos distintos da preposição, dizendo "ir a" nos casos que exigem "ir para".

É impossível pormenorizar aqui todas as diferenças entre as duas gramáticas, pois são muitas. E as diferenças significam sempre dificuldades.

MÉTODOS PARA VENCER DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS

Durante os quarenta anos de ensino da língua portuguesa aos compatriotas, os docentes chineses acumularam experiências e criaram métodos eficazes para combater as dificuldades, os quais são diferentes dos utilizados no ensino de português aos ocidentais e dos quais, os principais são:

I. Fazer boa estruturação do Curso e manter uma iniciação lenta, progressiva e sólida

Dos quatro anos da Licenciatura da Língua e Cultura Portuguesa, os dois primeiros anos são considerados "o período de base" e os últimos dois "o período de aperfeiçoamento".

"Para todos os assuntos o mais difícil é o começo", "Bons começos, metade do sucesso", esses ditos também servem para o ensino da língua portuguesa. Uma boa iniciação pode animar o estudante, conduzindo-os passo a passo a penetrar no complicado mundo da Língua Portuguesa.

Qualquer língua tem três elementos integrantes, a fonética, a gramática e o vocabulário, dos quais, a fonética é a base fundamental sendo os outros dois representados através dela, pelo que é a parte que inicia a aprendizagem.

Em alguns cursos de língua, logo no 1º dia da aula, os docentes mandam os alunos a ler frases ou textos, explicando toda a pronúncia das palavras, o que é muito violento e assusta os aprendentes chineses.

Nos nossos cursos de Licenciatura, a fase de iniciação pode durar até 8 semanas, sempre com manuais especialmente feitos para o caso. A fim de mostrar a nossa metodologia, cito como exemplo um dos livros utilizados em Shanghai, com 15 lições, para 8 semanas. Os alunos aprendem em cada lição uns fonemas, acompanhados de uma ou duas estruturas de frases e um ou dois fenómenos gramaticais, pelo que cada lição é composta pelas seguintes partes:

1. A fonética que ensina os fonemas e explica os fenómenos e regras fonéticas, por exemplo, na 1ª lição ensina as cinco vogais e as sílabas "ma, me, mi, mo, mu, la, le, li, lo, lu, mala, uma mala"; na 2ª lição "pa, pe, pi, po, pu, pepino, um pepino; ba, be, bi, bo, bu, banana, uma banana..."; e assim por diante.

2. O texto que apresenta, em estilo de perguntas e respostas os vocábulos mais usuais e as frases mais básicas e simples, com os quais, os alunos podem aprender a fazer perguntas entre si treinando a pronúncia e a entoação, por exemplo, na 1ª lição “Isto é (uma mala)”, na 2ª “Aquilo é...”, na 3ª lição “O que é isto?”, na 4ª lição “Como é ...?”...

3. A gramática que explica os fenómenos gramaticais mais básicos surgidos no texto e apresenta as suas regras, para que os alunos comecem a ter noções claras sobre os pontos diferentes entre as duas gramáticas. Por exemplo, na 1ª lição: noções sobre o substantivo femininos (mala) e o artigo indefinido feminino (uma mala); na 2ª lição, noções sobre o substantivo masculino (pepino) e o artigo indefinido masculino (um pepino); e assim por diante.

Nas primeiras 6 lições, só aparece a forma verbal “é”, para treinar bastante frases como “O que é...?”, “Como é...?”, “Isto é...”, “Aquilo é...”, etc.; a seguir, aparece “são” nas lições 7 e 8, com perguntas “Como são...?” e “De quem são...?”; e por último, com perguntas como “O que és tu?” e “Quem é você?” aparece a conjugação completa de “ser”, em plena concordância com o sujeito e com o predicativo. Depois, a conjugação completa de “estar” já pode aparecer de uma vez só, pois os alunos já têm uma noção clara sobre a concordância entre o sujeito e o verbo.

4. Os exercícios que acompanham as 3 partes anteriores e são feitos pelos alunos durante ou fora das aulas.

5. A conversação que ensina as frases usuais para cumprimentos e aulas, que substitui pouco a pouco o diálogo em chinês entre os docentes e os alunos ou entre os alunos: na 1ª lição: Bom dia! Boa tarde! Boa noite!; na 2ª lição: Adeus! Até logo! ; etc.

Graças a essa iniciação lenta, mas progressiva, os alunos conseguem ter uma base sólida para avançar. E como resultado, como todos sabem, os licenciados formados na China sabem falar e traduzir bem o português, na sua esmagadora maioria.

II. Ensinar a gramática portuguesa, de maneira progressiva, sistemática e contrastiva.

É possível que alguém ache que para aprender uma língua estrangeira, o mais importante é ouvir e falar, e não vale a pena gastar tempo em explicar a gramática. Mas como a gramática portuguesa constitui o maior obstáculo dos chineses na sua aprendizagem do português, não podemos de maneira alguma ignorá-la.

O ensino da gramática portuguesa tem de ser progressivo, isto é, todas as semanas o professor mostra aos alunos um texto com um ou dois fenómenos ou regras gramaticais, para não lhes baralhar a cabeça: Esta semana aprende-se o presente do indicativo com a primeira e a segunda conjugações com alguns verbos irregulares, para a semana a terceira e a quarta conjugações com mais verbos irregulares, para a outra semana o futuro do presente do indicativo, e assim por diante, passo a passo, com uma dose semanal adequada. É normal vermos nos manuais publicados no Ocidente aparecem num texto só vários tempos e modos do verbo, todos novidades para os alunos, mas isso não serve para os aprendentes chineses.

O ensino da gramática portuguesa tem de ser sistemático, isto é, avançando progressivamente do fácil ao difícil, do simples ao complicado e do parcial ao completo, explicar todos os pontos essenciais para o bom domínio da língua.

O ensino da gramática portuguesa tem de ser contrastivo, isto é, comparar as duas gramáticas. Somente percebendo claramente as diferenças entre as duas línguas, os aprendentes chineses conseguem dominar o mais rápido e correcto possível a língua portuguesa.

III. Treinar a conjugação e a flexão de maneira persistente e repetitiva

Nos cursos de língua portuguesa na China, as aulas de gramática significam muitas vezes horas seguidas de ler, decorar e praticar a conjugação dos verbos e as flexões das palavras. Dum modo geral, os chineses têm boa memória, treinada desde criança para decorar milhares de caracteres de formas diferentes, por isso são capazes de decorar as regras de conjugação e flexão da gramática portuguesa. Mas a eles faltam a prática e as experiências, motivo pelo qual, é preciso dedicar imensas horas à repetição do exercício de conjugação e flexão. O exercício pode ser monótono, mas muito útil ao domínio da língua, porque “a destreza vem de prática”.

IV. Preparar manuais adequados e lançar livros úteis à aprendizagem

Além de assumir as aulas, os docentes chineses da Língua Portuguesa têm feito profundas e permanentes investigações sobre as duas línguas, a fim de preparar manuais adequados e lançar livros e textos úteis ao domínio da Língua Portuguesa pelos chineses.

O Departamento de Português de ambas as universidades acima mencionadas têm os seus próprios manuais para a sua Licenciatura, feitos pensando nas dificuldades dos chineses, sobretudo na sua fase inicial e nos dois primeiros anos do Curso, conforme a carga total e semanal das horas, a estruturação do Curso e a meta a atingir em cada período. Acompanhando esses manuais que valorizam a sistematização e combinação progressivas dos textos com o respectivo vocabulário, gramática e exercício, são adoptados os critérios de explicação oportuna e pormenorizada da matéria e de resolução das dificuldades especiais dos alunos.

Além dos manuais, os docentes lançaram, entre outras, as seguintes obras importantes para a aprendizagem de Português na China: Dicionário Conciso Português-Chinês (da autoria de Zhou Hanjun, Wang Zengyang, Zhao Hongling e Cui Weixiao, 1994), Dicionário Conciso Chinês-Português (da autoria de Wang Suoying e Lu Yanbin, 1997; patrocinado pela DSEM; o Dicionário ganhou o 2º Prémio Nacional Livro de Qualidade), Gramática da Língua Portuguesa (da autoria de Wang Suoying e Lu Yanbin, 1996 e 1999, publicado e patrocinado pelo IPOR), Dicionário Prático de Verbos e Suas Regências (da autoria de Wang Fushan, 2000, patrocinado pelo IPOR).

MACAU E ALGUMAS INSTITUIÇÕES DE MACAU E DE PORTUGAL NA DIVULGAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA CHINA

Ao falar sobre a língua portuguesa na China, não se pode não lançar algumas pinceladas sobre Macau, assim como instituições macaenses e portuguesas que tem contribuído para o desenvolvimento da língua portuguesa na China.

O território de Macau foi administrado pelos portugueses durante mais de 400 anos, mas em relação à divulgação da Língua Portuguesa, o que a Administração Portuguesa fez durante a última década antes de deixar o Território foi muito mais do que fizera durante todos os anos anteriores.

Durante os longos anos na História, os habitantes locais não se preocupavam com a língua chinesa, de modo que em Macau, até finais dos anos 80, só 3% da população (que eram principalmente portugueses, macaenses e funcionários públicos) falava português. Mas desde a assinatura da Declaração Conjunta dos dois governos sobre a questão de Macau, surgiu uma verdadeira onda de interesse e entusiasmo pela língua de Camões, por parte dos habitantes locais e várias instituições da Administração local envidaram todos os esforços por promovê-la.

O Instituto Cultural de Macau (ICM) publicou uma série de livros sobre a literatura portuguesa e o ensino de português, dos quais podemos citar um manual de português (da autoria de Wang Zengyang) e um Estudo Comparativo sobre duas Tragédias Amorosas - Sonho do Pavilhão Vermelho e Amor de Perdição (da autoria de Wang Suoying).

A Direcção dos Serviços da Educação e Juventude de Macau (DSEJM) organizou diversos cursos de Português, tanto para liceus e escolas primárias como para a comunidade chinesa do Território em geral, organizou seminários sobre o ensino de Português, publicou uma série de livros didácticos e patrocinou a publicação na China do Dicionário Conciso Chinês-Português.

O Instituto Português do Oriente (IPOR), sediado em Macau, tem promovido a língua portuguesa através do seu Centro de Língua Portuguesa - CLP/IPOR, publicando um conjunto de manuais e gramáticas. Em articulação com o Instituto Camões o IPOR coordena as actividades da rede de Leitorados e Cursos de Português na República Popular da China e outros países asiáticos, e atribui bolsas de Estudo destinadas aos alunos do IPOR e dos Leitorados e Cursos de Português das Universidades da Ásia para frequência do Curso de Verão e do Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas em Universidades em Portugal; colabora com a Universidade de Macau e o Instituto Politécnico de Macau na organização, todos os anos, do Curso de Verão de Língua Portuguesa para estudantes chineses e de outros países asiáticos, além dos seminários sobre o ensino de Português; colabora com o Instituto Cultural da R.A.E.M. e editoras chinesas na Biblioteca Básica de Autores Portugueses, até hoje já com 27 obras traduzidas e publicadas na China, de Eça, Camilo, Júlio Dinis, Fernão Mendes Pinto, Miguel Torga, Saramago, Pessanha, Henrique de Senna Fernandes, Luís de Sttau Monteiro, entre outros autores portugueses e macaenses; colabora com editoras chinesas patrocinando a publicação de vários livros de gramática portuguesa.

A Universidade de Macau (UM), além dos seus próprios cursos de Língua Portuguesa, acolhe estudantes chineses, sobretudo oriundos do MNE chinês e da BFSU, em cursos de formação. Tem promovido, com outros agentes de Macau, Cursos de Verão de Língua Portuguesa e seminários sobre o ensino de Português.

O Instituto Politécnico de Macau (IPM), além dos seus próprios cursos de Língua Portuguesa e de Tradução Luso-Chinesa, colabora com a SISU na formação dos licenciados. Tem promovido, com outros agentes de Macau, Cursos de Verão de Língua Portuguesa e seminários sobre o ensino de Português.

A Fundação Macau, instituição pública do Território, publicou uma série de livros relativos a Portugal, incluído uma tradução de gramática portuguesa (tradução de Zhou Hanjun).

A Fundação Gulbenkian foi a primeira instituição portuguesa a conceder bolsas aos estudiosos chineses de língua portuguesa para cursos de aperfeiçoamento e actividades de investigação em Portugal e a patrocinar a tradução e publicação na China de uma série de obras literárias portuguesas, após o estabelecimento das relações diplomáticas entre a China e Portugal.

O antigo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP) e o actual Instituto Camões (IC) é a instituição governamental portuguesa que atribui todos os anos aos chineses bolsas de investigação e do curso anual de Língua e Cultura Portuguesa, através de acordos entre os dois países, além que ser o responsável principal pelos leitorados portugueses na China.

A Fundação Oriente, como instituição privada, têm atribuído anualmente bolsas de investigação e de curso anual aos estudiosos e estudantes chineses, desde a sua fundação em finais dos anos 80 e têm patrocinado a tradução e publicação na China de um conjunto de livros portugueses sobre a literatura e as histórias.

Diziam que após a passagem da administração de Macau à China, a Língua Portuguesa ia desaparecendo em Macau. Em princípios deste mês de Setembro, estivemos em Macau a conversar com várias pessoas e ficámos a saber:

Do Dr. Chan Kai Chon, da DSEJM:

- Os liceus e as escolas primárias de Macau continuam a ter aulas de português.

- A DSEJM continua a mandar bolsheiros para cursos de Língua e Cultura Portuguesa em Portugal.

Do Dr. Cui Weixiao, do IPM:

- O Curso Superior de Tradução Luso-Chinesa (3+1) têm 4 turmas (4º ano, 10 alunos; 3º ano, 13 alunos; 2º ano, 9 alunos e 1º, 16 alunos admitidos no ano lectivo 2001/2002, sendo na sua maioria funcionários públicos.
- O Curso Curricular da Língua Portuguesa para estudantes do IPM tem centenas de matrículas.
- O Curso de Formação de Língua Portuguesa para Funcionários Públicos tem centenas de matrículas.

Do Dr. Mário Filipe, do IPOR:

- O Centro de Língua Portuguesa do IPOR tem mais de 600 alunos em todos os níveis, tendo-se registado este ano lectivo um aumento do número de inscrições relativamente ao ano anterior.
- No ano lectivo 2000/2001, as inscrições no 2º semestre para o módulo 1 duplicou, totalizando 110.
- No ano lectivo 2001/2002, 146 inscrições no 1º semestre são para o módulo 1.

Para finalizar, apresento os meus mais sinceros agradecimentos a todos os amigos, que se seguem por ordem alfabética, por me terem fornecido informações preciosas, sem as quais, o presente texto seria impossível:

Dr. Chan Kai Chon
Dr. Cui Weixiao
Dr. Duan Juhua
Dra. Liu Zhengqin
Dr. Mário Filipe
Dr. Qu Yuhui
Dra. Wang Fushan
Dra. Xu Yixing
Dr. Xu Zhida
Dr. Yu Caijin

Lisboa, 18 de Setembro de 2001